

BARROS NA JORNADA

uma presença na ausência

Miguel Pereira

Não sei de quantas Jornadas da Bahia José Tavares de Barros participou. Mas, com certeza, desde que foi criado o prêmio da Organização Católica Internacional de Cinema e Audiovisual (hoje OCIC/Signis-Brasil) – o Troféu Jangada – atribuído, pela primeira vez, na XIV Jornada de 1985, ele não falhou um ano. Mais que isso, tornou-se um parceiro constante e um colaborador permanente de todas as horas, as difíceis e as boas. Sempre me dizia que a Jornada era o festival que tinha o espírito do prêmio da OCIC. E é verdade. Tem um lema já consagrado: Por um Mundo Mais Humano. Este é um desejo de todos nós e inspira e dá sentido a um prêmio como o da OCIC. Barros, no entanto, nos deixou no início deste ano. Mas, ficará na memória de todos nós que o conhecemos como um homem que passou pela vida terrena buscando esse mundo mais humano que todos almejamos.

Seu interesse pelo cinema remonta aos tempos da infância. Mas foi na juventude que iniciou um trabalho apaixonado pela sétima arte. Inicialmente, ministrando cursos de cinema para seus colegas estudantes da Companhia de Jesus, em Friburgo, e animando os cineforuns que promovia para os filósofos e teólogos jesuítas. Nesse período, colaborou com o boletim do Serviço de Informações Cinematográficas da Central Católica de Cinema, da CNBB. No início dos anos 60, em Milão, completou sua formação no campo do cinema, dedicando-se especialmente à montagem cinematográfica. De volta ao Brasil, depois da difícil decisão de não mais seguir o sacerdócio, começa sua atividade docente na área de cinema através dos cursos organizados pelo padre Massoti, em Belo Horizonte. O magistério irá marcar a sua vida. Ele tornou-se um dos mais prestigiados professores de cinema do País. Marcou seus alunos com uma fina e apurada formação estética e crítica do cinema, através de aulas dinâmicas e criativas.

Dos cursos iniciais para o mestrado e doutorado foi um período longo de amadurecimento profissional. Além da docência, exercida na Escola de Belas Artes da UFMG, onde atingiu o posto maior de Titular e Emérito, desenvolveu uma crescente e importante contribuição para a Igreja Católica, no que se refere ao cinema. Desde a exibição e debates de filmes nas paróquias de Belo Horizonte,



José Tavares de Barros e Nélia Belchote

trabalho feito com o entusiasmo de um jovem iniciante, à organização de diversas entidades nacionais e internacionais no campo da sétima arte. Sua segunda aproximação com a CNBB se deu nos júris do Prêmio Margarida de Prata e se consolidou com a sua contribuição importantíssima na Equipe de Reflexão da Comissão Episcopal para a Comunicação, Cultura e Educação e na presidência da OCIC-America-Latina (Organização Católica Internacional de Cinema e Audiovisual) e participação no Comitê Diretivo da OCIC Internacional, além de presidir a OCIC-Brasil por vários mandatos. Também no campo da docência ministrou cursos na França e pelo Brasil, incluindo os dos Festivais de Inverno de Ouro Preto, alguns por ele coordenados. Foi também mentor e organizador dos 21 Seminários de Criadores de Imagens Cristãs, de âmbito Latino e Americano, sendo que os dois últimos incluíram também a Europa, que marcaram a vida profissional de muitos produtores do audiovisual latino-americano. Enfim, Barros trabalhou em muitas frentes, inclusive escrevendo por mais de 15 anos no Jornal de Opinião da Arquidiocese de Belo Horizonte uma coluna de cinema que sempre foi uma orientação segura para os milhares de leitores do semanário. A última foi entregue na redação do jornal quatro dias antes da sua morte, no dia 28 de janeiro de 2009. Destacou-se também como montador profissional de cinema e realizou alguns filmes, sendo o mais conhecido o documentário *Cerâmica do Vale do Jequitinhonha* premiado como o Melhor curta-metragem do IX Festival de Cinema do Cinema Brasileiro, de julho de 1976.

Barros, como era conhecido entre os amigos, era assim uma pessoa dedicada com todas as suas energias ao cinema e à família, suas duas grandes paixões. Foi um exímio organizador e um doce companheiro meu de quase cinco décadas de generosa colaboração e ensinamentos. Posso também dizer que era companheiro e amigo solidário do nosso querido Guido Araújo e de tantos outros profissionais do cinema brasileiro. Estará sempre presente em mim, e, com certeza, nesta 36ª Jornada da Bahia que lhe dedica uma honrosa e merecida homenagem.

Miguel Pereira - Professor do Departamento de Comunicação Social da PUC-Rio e crítico de cinema.

Uma Jornada de 25 Anos

José Tavares de Barros

Tive o privilégio de acompanhar todas as etapas do seu crescimento, desde 1973, quando os participantes foram abalados pelo trágico atentado a Salvador Allende. O acontecimento marcou as reuniões e os debates daquele ano, contribuindo para delinear a vontade política que se consolidaria nos encontros seguintes. Nomeio espontaneamente alguns momentos, decisões e atitudes que, para o observador situado nos dias de hoje, explicam o amadurecimento da Jornada e o reconhecimento universal do seu suporte à causa do Cinema Brasileiro:

- o estímulo dado ao formato Super-8, que chegou a ser o único suporte audiovisual capaz de ludibriar a rígida intervenção da censura oficial;

- o espaço aberto a discussões democráticas, fundadas em ampla representação dos segmentos da atividade cinematográfica e voltadas para a consolidação do seu mercado, como no caso das leis do curta-metragem;

- o impulso à concretização de projetos internacionais, de modo especial quanto ao convênio celebrado entre a Embrafilme e o National Film Board, do Canadá;

- as incursões em favor da difusão da pesquisa intelectual e acadêmica, mais recentemente nos seminários em torno de artigos publicados pela revista *Cinemais*.

Muitas outras contribuições poderiam ser registradas, com um mínimo esforço de memória. Sob o ângulo do meu olhar pessoal, a



Arquivo Jornada

Noilton Nunes e Barros

Jornada foi e é, ao mesmo tempo, clima privilegiado de convivência solidária, aerópago favorável ao intercâmbio de idéias e de vivências, espaço indispensável para reflexões sobre os caminhos do cinema. Tudo isso condimentado com o tempero típico da Bahia, impossível de encontrar em outros festivais.

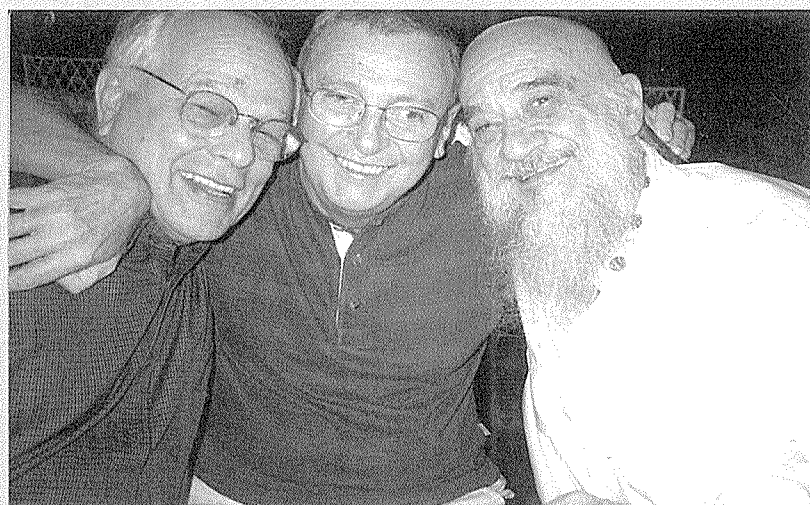
Jornada Ano 2000

Rudá de Andrade, setembro de 1998

Começou em 1972, como Jornada Baiana, pioneirismo regional. Já em 1973 os vizinhos chamaram-na para ser a Jornada Nordestina. Não faltou um ano para o País abraçá-la como Jornada Brasileira. Dez anos mais, sua maioridade: outros países elevaram-na à Jornada Internacional de Cinema da Bahia, incluindo o vídeo.

Revelou o "Cinema de Rua", propiciou o surgimento da Associação Brasileira de Documentaristas; enfrentou e acolheu os debates com liberdade; afrontou e esquivou-se da censura ditatorial; apresentou o cinema cubano ao Brasil e mostrou os esforços revolucionários dos africanos; acolheu a poesia dos filmes e a ternura das pessoas; assimilou e difundiu as idéias de grandes intelectuais que participaram da Jornada como Sucksdorff, Birri, Santiago Alvarez, Paulo Emílio, Almeida Salles, Joaquim Pedro, Fernando Cony Campos, Nelson Pereira dos Santos, Ruy Guerra, Pino Solanas, Paul Leduc, Jean Rouch, entre muitos outros, propiciou a reflexão cultural e o debate sobre as questões do cinema. Enfim, cumpriu e continua cumprindo seus propósitos nos limites de suas possibilidades.

Agora, em sua XXV edição, consolidada como mostra internacional, mantém-se como *sui generis* entre os festivais de cinema do Brasil, por sua conotação eminentemente cultural aditada ao seu



Arquivo Jornada

Nelson, Rudá e Birri

lema "Por um Mundo Mais Humano".

Chegou o momento de reverenciá-la por manter-se viva e vigorosa por mais de um quarto de século, num país onde é comum o final melancólico de iniciativas culturais ainda em seus primeiros passos. Tal façanha, isto é notório, foi possível em razão da energia e perseverança de Guido Araujo, a quem cabe, obviamente, os agradecimentos do cinema brasileiro e dos participantes deste evento.

Chegou também o momento de clamar às instituições públicas e à iniciativa privada para que assumam, de forma mais consistente, a responsabilidade do futuro deste histórico evento, dando-lhe o merecido apoio para o seu desenvolvimento.

Conselheiros da Jornada que se foram

“Todas as pessoas que se foram em 2009 eram Conselheiros da Jornada ligados à difusão do cinema”

Nilda Spencer

Além de Grande Dama do Teatro Baiano, Nilda Spencer era um ser humano maravilhoso. A lembrança da atriz é marcada pela sua forte personalidade, atenciosidade e carinho. Anfitriã perfeita, abriu as portas de sua casa para reuniões do júri e encantou a todos quando foi jurada da Jornada. O que mais impressionou Guido foi ver, no momento do enterro da atriz, seu rosto “bonito, sereno, como se estivesse ainda viva”. Emocionado, o cineasta lembra que “foi a primeira vez em minha vida que eu vi uma pessoa morta bonita. Geralmente quando vemos uma pessoa morta vemos uma pessoa sem coloração. No caso de Nilda não, ela transmitia tranquilidade. As pessoas a beijavam. Eu nunca tinha visto isso!”.

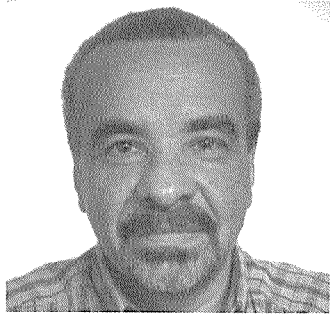
Arquivo Jornada



Nildenor Ourives de Souza

Nas últimas edições da Jornada Internacional de Cinema da Bahia a equipe organizadora foi reforçada pela eficiente atuação do Coordenador Financeiro do evento, Nildenor Ourives de Souza. Formado em Ciências Econômicas e em Administração, com pós-graduação em Organização, Sistemas e Métodos, Nildenor nasceu em Seabra, Chapada Diamantina. A sua contribuição para a realização das Jornadas de Cinema é ligada ao seu profundo conhecimento das normas que regem o orçamento, execução e prestação de contas dos projetos e dos eventos. A sua dedicação e orientação bem fundamentada tem contribuído, sem dúvida, ao sucesso das Jornadas. Participou sobretudo das aberturas e das exposições do festival que se ressentiu, este ano, da sua ausência, pois no início deste ano, pouco depois de fazer 66 anos, Nildenor faleceu, deixando uma intransponível lacuna e muita saudade. Temos certeza que lá de cima está nos acompanhando e torcendo que a organização da Jornada mais uma vez consiga vencer as dificuldades ligadas com a tradicional falta de recursos que o nosso amigo e companheiro tão bem conhecia de perto. Todos da equipe que conviveram com

Arquivo Jornada



Nildenor, sentem a ausência dele e das três características que ele unia: sólido conhecimento da sua esfera de atividade, boa vontade de atender as necessidades surgidas em todas as fases do evento e, sobretudo, a maneira sempre gentil no trato que era a sua marca registrada.

Rudá de Andrade e José Tavares de Barros

O último encontro de Guido com José Tavares de Barros se deu de forma inusitada, em novembro de 2008. De malas prontas para o Festival de Brasília, onde ia participar de uma mesa sobre Nelson Pereira dos Santos, Guido foi surpreendido por um telefonema do Movimento Cineclubista de Belo Horizonte. Sem receber muitos detalhes ouviu uma convocação em caráter de urgência da sua presença na capital mineira. Mal desembarcou em Brasília rumou para o aeroporto com destino para Minas Gerais. Ao chegar soube que receberia, junto com Tavares de Barros, o Prêmio Paulo Emílio do Cineclubismo Brasileiro, em comemoração aos 80 anos do Movimento Cineclubista.

Na ocasião, Barros já se encontrava doente e não podia sair de casa. Então, a solução foi fazer a premiação na casa do próprio. E assim foi feito. Um momento de muita emoção para todos que culminou com o pedido de Barros para a sua esposa: “Heliana, o momento pede uma champagne!”

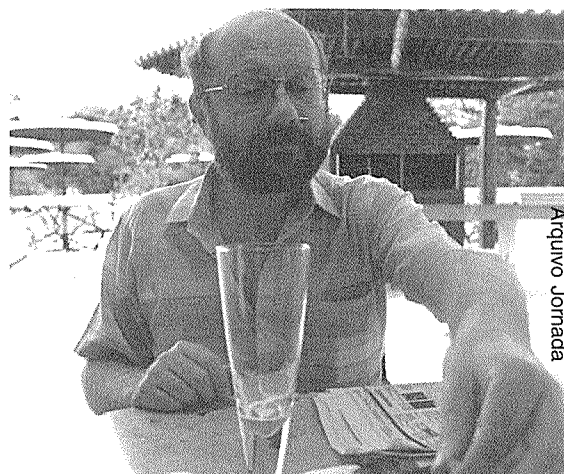
Três meses depois, em fevereiro de 2009, logo após sair do enterro de Rudá de Andrade, ainda em choque com a perda do amigo, Guido é mais uma vez surpreendido por um telefonema da capital mineira: “É Guido... nosso amigo se foi!”. Ele sem perceber que quem falara ao telefone era a esposa de José Tavares de Barros, responde: “Pois é, eu estou vindo do enterro dele”. A voz feminina interrompe: “Não é do Rudá que estou falando. O Barros acabou de falecer!”. Mais um choque para o amigo e companheiro de tantas Jornadas!

Independente da ligação que Guido tinha com os dois, ele conta que ambos tinham uma trajetória idêntica. Rudá, por exemplo, contribuiu muito com o cinema em São Paulo assim como o José Tavares em Minas Gerais. Os dois, sem se conhecer, moraram na Itália para estudar cinema, eram professores de cinema e pesquisadores, além de articuladores de atividades ligadas à sétima arte tanto em âmbito nacional quanto internacional. Sobre seus temperamentos, ambos

tinham posturas bastante diferentes diante da vida. Enquanto Rudá era “meio boêmio”, José Tavares tinha uma personalidade “mais acadêmica”.

Bernardo Vorobow

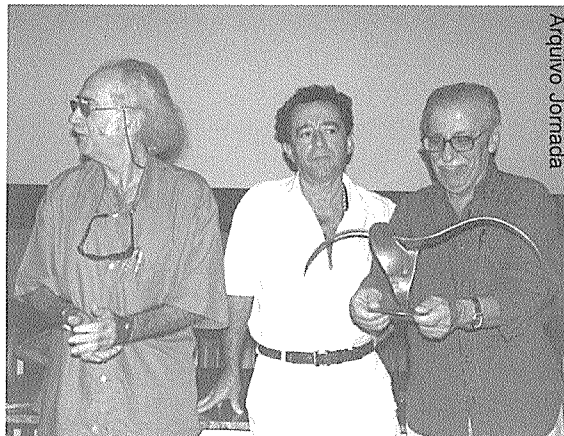
Colaborador das Jornadas das décadas de 70 e 80, Bernardo Vorobow “era uma presença constante”. Bernardo foi programador da Cinemateca Brasileira por muitos anos e responsável talvez pelo período mais brilhante da Sala Cinemateca, quando esta era na Fradique Coutinho, em São Paulo.



Arquivo Jornada

Mário Cravo Neto

A sua estréia cinematográfica foi na Jornada de 1973, onde foi premiado com o filme em Super 8 *Lua Diana*, uma filmagem detalhada de uma cirurgia cesariana que articula-se com imagens poéticas da mãe durante a gravidez. Filho do escultor Mário Cravo Júnior, Mariozinho, como era chamado carinhosamente pelos amigos, desenvolveu trabalhos em escultura, instalação, cinema e fotografia, dimensão mais conhecida da sua obra. Em sua homenagem, a Jornada vai exibir *Um Vento Sagrado*, de José Walter Lima, último filme fotografado por Mário Cravo Neto.



Arquivo Jornada

Mário Cravo Jr., Mariozinho e Guido